

FREIRE, Marcelino. **Rasif - Mar que arrebenta**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

### **Cirandas temáticas e formais - A prosa poética contemporânea de Marcelino Freire**

**Rasif - Mar que arrebenta**, lançado em 2008 e que concorre ao Prêmio Portugal Telecom, é a quarta coletânea de contos de Marcelino Freire e a primeira publicação depois do Prêmio Jabuti 2006 que recebeu com o livro **Contos Negreiros** publicado pela editora Record. Nos últimos 10 anos o escritor pernambucano radicado em São Paulo vem se destacando como escritor e também como editor e agitador cultural, tendo participado da idealização de diversas coleções, antologias e eventos literários.

Marcelino Freire abre sua coletânea de 17 contos revisitando a origem árabe do nome "Recife" e também a origem tupi-guarani de "Pernambuco". Estas informações são apresentadas em notas dicionarizadas como introdução à obra. Na seqüência, o autor traz citações de poetas pernambucanos e uma dedicatória que contempla apenas nomes de origem árabe como Hatoum e Nassar. Denominados "cirandas, cirandinhas" os contos são finalmente apresentados no índice.

Interessante observar este movimento de aproximação e distanciamento do olhar em relação à terra natal e ao oriente e aproximá-lo dos movimentos das cirandas, das idas e vindas das brincadeiras de roda. Esse movimento marca também a disposição das tramas que se seguem, algumas no meio urbano, nas cidades de Recife ou de São Paulo, outras que remetem ao oriente, que falam da Terra Santa ou que utilizam toponímia relacionada. O movimento também aproxima espaços públicos (o parque, o ônibus, a rua) e privados (a casa, o carro, a memória). O passado, o presente e o futuro dançam num movimento contínuo e imprevisível.

No fechamento da obra, encontramos ainda uma citação do poeta pernambucano Manuel Bandeira (pseudo-personagem em um dos contos). Nosso olhar é então redirecionado, voltado para as referências e influências de Marcelino Freire, para sua Rasif, para seu passado, mas, como numa ciranda, caminhando para o futuro.

Com cuidadoso projeto gráfico de Thereza Almeida, a publicação da editora Record conta ainda com a participação do artista paulistano Manu Maltez, cujas gravuras ambientam as personagens numa cidade/ciranda que é de Marcelino Freire, mas que pode ser também a nossa. A força ágil do texto permite que os significados extrapolem os limites de cada página e ganhem novas dimensões nos desenhos que ilustram a capa e o corpo da obra.

O primeiro fator de estranhamento neste livro é a disposição do texto na página. Nenhum dos 17 contos apresenta a estrutura gráfica tradicional do texto em prosa. A primeira impressão é a de que estamos diante de poesias, impressão esta que se mantém quando observamos o trabalho

com o ritmo, a rima, a sintaxe própria e escolha lexical do autor, que se move entre metáforas delicadas e a linguagem agressiva do palavrão. Esse estranhamento reflete-se também nas temáticas apresentadas, nos modos como os narradores apresentam suas histórias e na linguagem utilizada pelo autor para compor a atmosfera de cada trama.

A maioria das narrativas é apresentada por narradores em primeira pessoa, colocados à margem da sociedade em ambientes urbanos e dessacralizados. No conto intitulado “Iemanjá”, o texto jorra como uma prece ou um jato de raiva contra a dessacralização presente. Cada idéia ou imagem é condensada ao máximo, isolada em frases curtas, encadeadas como numa poesia e com o ritmo ditado por uma espécie de refrão (“Minha Rainha”):

Oferenda não é essa perna de sofá. Essa marca de pneu. Esse óleo. Esse breu. Peixes entulhados. Assassinados. Minha Rainha. Não são oferenda essas latas e caixas. Esses restos de navio. Baleias encalhadas. Pingüins tupiniquins. Mortos e afins. Minha rainha. (FREIRE, p. 21)

Assim como a oferenda dedicada à Rainha do mar, a linguagem prosaica, característica do conto, é também profanada pelo narrador que utiliza a linguagem coloquial sob forma poética, invadindo territórios outros, propondo novas leituras do conto e da forma sacralizada da poesia.

No conto “Da paz”, uma temática muito atual em nossa sociedade moderna e violenta, a paz, é personificada e tornada inimiga e causadora de todo o mal da humanidade. Neste conto, o autor dá voz à personagem sem lugar, sem justiça, sem esperança. A paz, enquanto possibilidade de restauração utópica da sociedade é desconstruída, vira artigo de luxo inacessível ao miserável que mora no morro e que a vê como mais uma arma do poder para frear seus desejos de vingança e de rompimento da ordem (caótica) estabelecida.

Do ambiente urbano cotidiano, os próximos dois contos se movem para as distantes terras do oriente médio. Em “O meu homem-bomba”, um narrador relata sua visita à Terra Santa em busca de pecado e redenção. O narrador-personagem apaixonou-se por um homem em uma viagem de ônibus sem saber que se trata de um guerreiro de Alá, disposto a dar sua vida pela causa de seu Deus. Num texto cheio de referências bíblicas, o autor apresenta o amor homossexual da personagem e sua paixão em Jerusalém. A fé, o amor, o pecado e a redenção, a vida e a morte, são todos elementos carregados de significados sagrados desconstruídos nessa narrativa breve e singela que conta o passado no presente, lutando para reconstruir a memória:

Como era bonito aquele Anjo do Senhor.  
Escolhido na tribo de Zabulon. Maravilha de outro tempo. Uma graça. Não é invenção do meu esquecimento. Lembro: o ônibus quase chegando à praça de Admá. (FREIRE, p. 33)

No conto “We speak English” a desconstrução começa pelo código. Numa mistura de português, inglês e árabe, o discurso do narrador profana a idéia de valor cultural dos idiomas, de independência das línguas enquanto códigos de comunicação. Em um texto mais discursivo do que

narrativo, cada palavra significa uma cultura, um valor, uma fé. O narrador inscreve o leitor no texto fazendo-lhe perguntas sobre o presente da língua e da cultura e sobre o futuro desses valores.

Nas três narrativas seguintes, Marcelino Freire direciona seu olhar novamente para o cotidiano urbano das grandes cidades e de seus habitantes marginais. Os três contos são narrados por crianças que, em primeira pessoa, trazem suas memórias e experiências, suas dores e esperanças. Em “Maracabul”, um menino pede ao Papai Noel uma arma como presente de natal. Pede e justifica seu pedido com seu desejo de matar, de virar bandido, de consumir o que lhe é negado no barraco da periferia do Recife onde vive.

O narrador conta como quem canta um Rap, com linguagem cotidiana descreve as cenas do dia-a-dia de maneira direta. O texto é ágil, forte e marcadamente musical. Como num Rap, as frases curtas, rimadas e marcadas por repetições denunciam a situação marginal de quem canta. Mais uma vez, a dessacralização não está apenas no nível do enredo, está também na linguagem: o conto é lido como narrativa, mas pode ser declamado como poema ou cantado como música.

Em, “Meu último natal”, temos também um narrador menino que conta uma experiência de natal, também uma espera pelo Papai Noel. Em um final surpreendente, observamos a presença do elemento fantástico operando na realidade cotidiana, característica pouco comum nos demais textos do autor. No conto seguinte, “Junior”, o narrador traz à tona o relacionamento homossexual de seu pai com um travesti. Através da memória, o narrador-personagem conta como ainda menino viu seu pai levar para o café da manhã em casa o travesti com quem havia passado a noite. Esse narrador tem características bastante peculiares: apesar de narrar a cena que observou quando criança, ele é também onisciente. Pode dizer-nos o que se passou antes que o pai chegasse à casa e ainda o que pensa o travesti. A família tradicional, enquanto pilar da sociedade, mostra-se em processo de desmoronamento. Os papéis sagrados de pai e mãe não são seguidos pelos atores que os desempenham na narrativa e nem compreendidos pela criança que os observa. A figura do travesti é convidada a participar desse espaço sem que saiba que papel deve ocupar, que função cumprir no novo modelo familiar.

A temática amorosa presente em “O meu homem-bomba” retorna nos dois contos seguintes. Trata-se do amor que é capaz de tudo, que mata e não se arrepende. Em “Roupa suja”, uma funcionária de lavanderia traça um plano para conquistar seu amado cliente e relata sua aventura amorosa, cheia de perfumes e bolhas de sabão. A narradora utiliza termos relacionados ao seu ambiente de trabalho para criar as metáforas que contam sua história. Assim, a temática do enredo está presente na corporeidade do texto:

Maria, nem sei por onde começar. A contar. A minha história de amor. Quando ele, Meu Deus, entrou na lavanderia. Parecia propaganda de sabão. Tudo à minha volta ficou limpo, límpido, esse mundo cão. (FREIRE, p. 57)

O texto se move entre o presente da narração e o passado das memórias de quem conta, e a história de quem conta aponta para um futuro possível, porém incerto. Essa é a única narrativa do livro em que a relação amorosa se concretiza de maneira a propor um desfecho positivo, que acena para a esperança em meio a um mundo de personagens destruídas, deslocadas ou desiludidas.

No conto “Os atores”, ator veterano se apaixona por um jovem companheiro de profissão. Quando a relação se desgasta e está inevitavelmente próxima do fim, o ator mais velho planeja transformar sua tragédia pessoal em ato cênico. Prepara uma armadilha na qual o companheiro o mataria em cena como parte do espetáculo que apresentam, assim, não seria abandonado pelo amante; mas resgataria sua dignidade em um final trágico, digno de aplausos.

Porém, o desfecho não segue o script e sim um improviso genial que surpreende a platéia e o leitor. O palco, espaço sagrado do drama e da ficção, é invadido pela realidade dolorosa do amor que termina. O texto brinca com a dicotomia verdade/ficção, trazendo para a narrativa imagens próprias do teatro, criando metáforas que inscrevem no texto a temática apresentada no enredo.

É de maneira brutal que o amor aparece no conto seguinte. Com uma das imagens mais fortes do livro **Amor é a mordida de um cachorro pitbull**, o narrador discursa sobre o sentimento do amor, desconstruindo-o, profanando o ideal do “Amor cristão”, título da narrativa.

No conto “Chá” o diálogo se dá sem marcas de pontuação, sem narrador, feito de falas entrecortadas, trocadas entre duas personagens quase surdas, que entre torradas e xícaras debatem sobre a iminente morte de um imortal da Academia Brasileira de Letras. A ironia marca fortemente o texto, que faz referência aos grandes nomes da literatura brasileira e, ao mesmo tempo, à senilidade dos literatos que compõem o time de ilustres.

Este é o texto em que o humor está mais presente, a forma tradicional do diálogo direto desaparece e os significados estão concentrados em palavras ou frases curtíssimas, que se movem de maneira aparentemente ilógica, requerendo do leitor um árduo trabalho na reorganização textual e na elaboração de sentidos mais amplos para o texto. A ironia está presente, também, na elaboração textual. Repleto de coloquialismos e palavras vulgares, o texto abole os sistemas tradicionais do discurso direto para promover a discussão sobre a validade de uma instituição que representa o que há de mais tradicional, burocrático e avesso às mudanças nas letras brasileiras.

Em “I-no-cen-te” a voz narrativa é dada a um pedófilo que acusa sua vítima de ter causado os crimes sexuais que comete. Diante de um interlocutor a quem chama de doutor, o narrador expõe a dessacralização da infância, em grau máximo. A própria idéia de crime é dessacralizada, pois o criminoso não só acredita em sua inocência, como quer justiça contra a infância que o vitimou.

“Amigo do Rei” traz claras referências ao poeta pernambucano Manuel Bandeira. Nessa que é a única narrativa em terceira pessoa, passado e presente se misturam na história de um pai que suspeita da sexualidade do filho que escreve poesias. A fala do narrador é constantemente invadida

pelo discurso indireto livre, numa aproximação entre as personagens e o narrador, num texto que discute a função da poesia e da arte na sociedade capitalista contemporânea.

Retomando o discurso em primeira pessoa, o narrador de “Tupi-guarani” traduz para os homens brancos a fala de guerra de índios que invadem o Teatro Amazonas reclamando o direito à sua terra e à sua cultura. Em um movimento de aproximação e distanciamento da matéria traduzida, o narrador-tradutor cita fatos históricos, utiliza inúmeras palavras em tupi-guarani e uma linguagem irônica que dessacraliza a imagem do indígena dócil e que não é capaz de se articular para lutar contra o homem branco. Novamente a questão da língua enquanto código híbrido é trazida à tona, apontando, agora, para questões culturais e históricas mal resolvidas na formação de nossa nação.

“Ponto.com.ponto” traz em seu início uma epígrafe com trecho da música “Carinhoso” de Pixinguinha e João de Barro, anunciando um idílio amoroso. O espaço público de um parque torna-se o espaço de mais uma espera *beckettiana* por alguém que prometeu estar lá. O presente e o futuro do amor na cidade de São Paulo são confrontados e o saldo é negativo para o amante solitário e que não consegue (ou não pode) enxergar o amor sentado ao seu lado.

Com um texto poético e repleto de sinestésias, o narrador em primeira pessoa sofre com a incomunicabilidade dos indivíduos e a conseqüente dificuldade em estabelecer relacionamentos, oferecendo ao leitor a possibilidade de refletir ainda sobre os enganos dos sentidos.

Encerrando a coletânea está o conto “O futuro que me espera”, no qual o narrador apresenta o retorno à terra natal como solução para as saudades que sente. É nas imagens do passado que o narrador antevê o seu futuro. Como quem fecha um círculo, unindo as pontas do passado e do futuro, o narrador lista suas saudades fazendo referências a lugares e pessoas de Pernambuco, trazendo sua linguagem e seu sotaque para o corpo da narrativa. Com um texto que é mais um poema do que uma narrativa, o autor se despede do leitor propondo um novo começo.

Como em uma brincadeira de roda, o fim é também o começo, é o convite para uma nova leitura da obra. Assim como lemos inúmeras vezes um poema para que possamos retirar dele o máximo de significado, o livro de Marcelino Freire propõe novas leituras, sugere novos olhares, provoca a resignificação.

Ana Paula Rodrigues da Silva  
Mestranda  
Programa de Pós-Graduação em Literatura e  
Crítica Literária – PUC-SP